

**LI BAI
DU FU
WANG WEI**

**POEMAS
CLÁSSICOS
CHINESES**

Edição bilíngue

Tradução e organização de
SÉRGIO CAPPARELLI e SUN YUQI

Prefácio de **LEONARDO FRÓES**

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

Prefácio: A poesia como arte gestual – <i>Leonardo</i> <i>Fróes</i>	13
--	----

LI BAI

黄鹤楼送孟浩然之广陵	32
Adeus a Meng Haoran	33
送友人	34
Adeus a um amigo que parte	35
沙丘城下寄杜甫	36
A Du Fu, da aldeia de Shaqiu.....	37
宿五松山下荀媪家	38
Na casa da senhora Xun	39
秋浦歌	40
Canção do lago Qiupu	41
陌上赠美人	42
Beldade no caminho	43
长干行	44
Canto de Changgan	45
访戴天山道士不遇	48
Visita ao monge taoista	49
春夜洛城闻笛	50
Escutando uma flauta em Luoyang	51
静夜思	52
Pensamentos	53
题峰顶寺	54
O templo na montanha	55

山中问答	56
Diálogo sobre a montanha	57
望天门山	58
Contemplando o monte Tianmen	59
独坐敬亭山	60
Diante da montanha de Jingting	61
月下独酌四首（其一）	62
Bebendo sozinho ao luar	63
春日醉起言志	64
Acordando em um dia de primavera	65
早发白帝城	66
Deixando Baidi	67
春思	68
Pensamento da primavera	69
宣州谢朓楼饯别校书叔云	70
No quiosque de Xie Tiao: banquete de adeus ao mandarim Yun, meu tio	71
古风（其九）	72
Antigo poema	73
玉阶怨	74
Lamento na escadaria de jade	75
铜官山醉后绝句	76
O monte Tong	77
沐浴子	78
Lavado e perfumado	79
望庐山瀑布	80
A cascata do monte Lu	81
子夜吴歌·秋歌	82
Canção de outono em Ziye	83

自遣	84
Bebendo sozinho	85
山中与幽人对酌	86
Bebendo com um amigo	87
长相思 (其一)	88
Saudade demais.....	89
秋风词	90
Vento de outono	91
登金陵凤凰台	92
Subindo ao terraço da Fênix em Jinling	93
关山月	94
A lua na fronteira	95

Du Fu

房兵曹胡马	100
O cavalo bárbaro do oficial Fang	101
兵车行	102
Balada dos carros de guerra	103
前出塞九首 (其六)	106
Servir na fronteira	107
月夜	108
Ao luar	109
悲陈陶	110
Lágrimas de Chentao	111
春望	112
Contemplando a primavera	113
对雪	114
Contemplando a neve	115

羌村三首（其一）	116
Na aldeia de Qiang (1)	117
羌村三首（其二）	118
Na aldeia de Qiang (2)	119
羌村三首（其三）	120
Na aldeia de Qiang (3)	121
曲江二首（其一）	124
O rio sinuoso (1)	125
曲江二首（其二）	126
O rio sinuoso (2)	127
望岳	128
Contemplando a Montanha Sagrada	129
石壕吏	130
O sargento recrutador de Shihao	131
月夜忆舍弟.....	134
Pensando nos meus irmãos ao luar	135
进艇	136
Passeio de barco	137
客至	138
Visita	139
百忧集行	140
Balada das cem preocupações acumuladas	141
春夜喜雨	142
Noite de primavera contente com a chuva	143
江畔独步寻花七绝句（其七）	144
Flores fugazes	145
绝句漫兴九首（其五）	146
Enchente	147

茅屋为秋风所破歌	148
Canção sobre minha cabana destruída pelo ven- to de outono	149
楠树为风雨所拔叹	152
Balada do velho cedro	153
客亭	154
No quiosque do viajante	155
江村	156
Cidadezinha na beira do rio	157
闻官军收河南河北	158
Notícia da retomada da região de Henan-Hebei pelas tropas governamentais	159
绝句二首（其一）	160
Três quadras (1)	161
绝句二首（其二）	162
Três quadras (2)	163
绝句四首（其三）	164
Três quadras (3)	165
秋野五首（其一）	166
O campo no outono (1)	167
秋野五首（其三）	168
O campo no outono (2)	169
暂往白帝复还东屯	170
Outono, no povoado do leste	171
缚鸡行	172
Balada das galinhas com peias	173
旅夜书怀	174
Pensamento numa noite de viagem	175

WANG WEI

欽湖	180
Lago Qi	181
送別	182
Despedida	183
鳥鳴澗	184
Pássaros cantando na ravina	185
答張五弟	186
Resposta ao meu irmão Zhang Wu	187
山居秋暝	188
Outono de tarde na montanha	189
山中	190
Na montanha	191
使至塞上	192
Missão na fronteira	193
觀獵	194
A caça	195
臨高台送黎拾遺	196
Alto Torreão	197
早秋山中作（後半部分）	198
Princípio de outono na montanha	199
皇甫岳雲溪雜題五首·萍池	200
O lago das lentilhas-d'água	201
華子岡	202
O monte florido	203
木蘭柴	204
O recanto das magnólias	205

杂诗（其二）	206
Você acaba de chegar do lugar onde nasci	207
鹿柴	208
O Parque dos Cervos	209
皇甫岳云溪杂题五首·鸬鹚堰.	210
O dique dos martins-pescadores	211
终南别业	212
Minha casa na montanha	213
戏题盘石	214
Escrito em um rochedo	215
竹里馆	216
No bambuzal	217
酬张少府	218
Resposta ao magistrado Zhang	219
秋夜独坐	220
Sozinho na noite de outono	221
终南山	222
As montanhas de Zhongnan	223
汉江临泛	224
Vista do rio Hanjiang	225
栾家濑	226
A torrente de Luan	227
孟城坳	228
A garganta de Mengcheng	229
临湖亭	230
Quiosque à beira d'água	231
白石滩	232
Leito de cascalho	233

渭川田家	234
Lavradores no rio Weichuan	235
新晴野望	236
Paisagem passada a limpo	237
相思	238
Saudade	239

LI BAI

Li Bai (701-762) viveu durante a dinastia Tang (618-907), considerada a época de ouro da poesia clássica chinesa. Os estudiosos consideram que a cultura da China como um todo teve seu apogeu alguns séculos depois, durante a dinastia Song. Mas não na poesia, em suas duas vertentes: a romântica, com o próprio Li Bai, e a realista, com Du Fu (712-770). E ninguém melhor do que o próprio Du Fu para falar sobre a poesia de Li Bai: “As suas pinceladas amedrontam o vento e a chuva, e suas poesias fazem chorar espíritos e demônios”. Até o realista Du Fu exalta-se quando se trata da poesia de Li Bai. E não apenas Du Fu. Quando Li Bai, aos 42 anos, foi para Chang’an, a capital da China na época, com cerca de dois milhões de habitantes, sua poesia foi logo reconhecida. E He Zhizhang, secretário-geral da Corte, ele mesmo poeta, disse que Li Bai certamente era um “imortal exilado” na terra. Ele referia-se à crença taoista de que um imortal que não se comporta bem no céu é condenado a viver na terra por um período, e nesse exílio, imortal que é, realiza feitos extraordinários. Por isso Li Bai sempre foi conhecido na China como um poeta imortal.

Espírito inquieto, ele tinha grandes ambições, mas sua inquietude, sua incessante busca de liberdade, seu espírito aventureiro e sua irreverência não se adequavam ao espírito da Corte. Teve de se afastar. Porque estava cansado do ambiente corrupto e superficial.

Deixou mais de novecentos poemas sobre a natureza, a amizade, a solidão, a passagem do tempo, as viagens por paisagens imaginárias e poemas de inspiração taoista. Devido ao seu amor pela bebida, vem logo à mente do leitor a comparação com Dylan Thomas, Baudelaire ou Rimbaud, mas no caso de Li Bai, o vinho avança pelos poemas na busca do hedonismo taoista e de libertação: “Ainda estou sóbrio; que a festa prossiga! Bêbados, cada um pelo seu caminho!”

Nos seus poemas, comparece também o amor pela pátria e a defesa das fronteiras, como no poema em que o luar banha a cidade de Chang’an e o leitor ouve o bater de roupa em dez mil casas, com todos os corações voltados na direção do Passo de Jade, se perguntando quando os bárbaros serão enfim vencidos, deixando assim que os maridos possam voltar para casa.

No segundo período de sua poesia, fora da Corte e no meio de uma guerra civil provocada pela rebelião de An Lushan, que começou em 755 e foi até 763, seus versos mostram uma tensão nova: a de querer se afastar da vida pública e viver isolado nas montanhas e, ao mesmo tempo, o desejo de fazer alguma coisa pelo seu país e por sua poesia. Seus poemas soam mais amadurecidos, mais condensados e mais sugestivos: “Cobre-se de geada a escadaria de jade/ O frio úmido da noite entranha em suas meias de seda/ Ela solta o cortinado e através dos cristais translúcidos/ contempla a lua de outono”.

A explicação desse desejo de ser reconhecido pode ser encontrada em sua biografia. O pai de Li

Bai era comerciante, em um tempo em que quem vivia do comércio era discriminado. Some-se a isso o fato de Li Bai ter nascido numa região da China distante do centro de poder, em uma pequena localidade situada onde é hoje o Cazaquistão.

Nessa época, ser bem-sucedido no comércio não significava ser aceito na sociedade. Foi por isso que quando jovem não se interessou pelos ambientes nos quais era discriminado e saiu a viajar pela China, cavaleiro errante com seus poemas nos alforjes. Queria compreender que país que era o seu. Por desdenhar a vida regrada, nunca se candidatou aos exames imperiais, porta de entrada para os cargos públicos e para a vida literária e artística. Mas um dia voltou atrás. Foi para Chang'an. Também ele sabia que as pessoas e as instituições legitimadoras da poesia estavam na capital chinesa.

No entanto, logo se deu conta de que seu estilo de vida batia de frente com o pensamento confuciano, predominante na administração imperial. A doutrina de Confúcio exigia disciplina e respeito dentro da hierarquia, enquanto sua vida se pautava pelo hedonismo, pelo desprezo às convenções, pelo desejo de liberdade e por ter o espírito livre. Nas suas próprias palavras: “Como posso baixar a cabeça e me inclinar a serviço dos senhores do poder, se a alegria logo foge do meu coração e do meu rosto?”

黄鹤楼送孟浩然之广陵

故人西辞黄鹤楼，
烟花三月下扬州。
孤帆远影碧空尽，
惟见长江天际流。

ADEUS A MENG HAORAN

A oeste do pavilhão da Grua Amarela,
despedimo-nos, velho amigo.
Entre as flores e a bruma de março,
desces rumo à aldeia de Yang.
A vaga silhueta de tua solitária vela
desaparece no espaço esmeralda,
e só resta o Grande Rio
a correr para os confins do céu.

送友人

青山横北郭，白水绕东城。
此地一为别，孤蓬万里征。
浮云游子意，落日故人情。
挥手自兹去，萧萧班马鸣。

ADEUS A UM AMIGO QUE PARTE

As montanhas azuladas
 bordejam as muralhas ao norte.
A água cristalina
 contorna as muralhas ao leste.
Nesse lugar
 nos separamos.
Você, erva errante,
 por milhares de *li*.^{*}
Nuvem flutuante,
 humores vagabundos,
o sol que se vai,
 velhos amigos que se afastam,
nós dois nos acenando
 na hora da partida.
E mais uma vez relincham
 os nossos cavalos.

^{*} Medida chinesa, correspondente a 0,5 km.

沙丘城下寄杜甫

我来竟何事？高卧沙丘城。
城边有古树，日夕连秋声。
鲁酒不可醉，齐歌空复情。
思君若汶水，浩荡寄南征。

A DU FU, DA ALDEIA DE SHAQIU

Enfim, por que
estou aqui?
Vivo retirado
na aldeia de Shaqiu.
Ao pé das muralhas,
apenas árvores seculares.
Nelas, dia e noite,
a voz do outono.
O vinho de Lu
não chega
a me deixar bêbado
e os cantos comoventes de Qi*
não tocam mais
meu coração.
Minhas saudades
são como as correntes
do rio Wen,
apressadas, sem descanso,
rumo ao sul.

* Lu e Qi eram reinos na China, na fase que precedeu sua unificação, em 221 a.C.

宿五松山下荀媪家

我宿五松下，寂寥无所欢。
田家秋作苦，邻女夜舂寒。
跪进雕胡饭，月光明素盘。
令人惭漂母，三谢不能餐。

NA CASA DA SENHORA XUN

Hospedo-me
 ao pé da montanha dos Cinco Pinheiros.
Profunda solidão
 e nada para me alegrar...
Rude é o trabalho
 dos camponeses
 no outono.
Ouço a mulher
 da fazenda vizinha
 socar o trigo,
 na noite fria.
A mulher que me hospeda se ajoelha
 para me oferecer
 uma tigela de arroz.
Os grãos brilham
 como pérolas
 sob a lua.
Perturbado,
 eu me lembro daquela lavadeira
 que ofereceu ao seu visitante*
 uma tigela de arroz.
Agradeço uma, duas, três vezes,
 não, obrigado, não posso aceitar.

* Quando o marquês de Huaiyin, da dinastia Han (202 a.C.-220 d.C.), ainda era pobre e desconhecido, uma mulher lhe ofereceu uma tigela de arroz.